BULLYING: ESTRATÉGIAS DE COMBATE NO ENSINO FORMAL

FRANCISCA DAS GRAÇAS DE SOUSA SILVA

RESUMO

Devido os grandes casos de violência escolar registrados nos últimos anos, e segundo estatísticas, os jovens entre 10 e 21 anos, estão entre os que mais matam e morrem no mundo. Esta prática muitas vezes é confundida com “brincadeiras”. Um fenômeno que está deixando as escolas vulneráveis por falta de apoio das famílias dos alunos, e de todo comunidade escolar, que não está preparada, ou não conseguem ver as práticas de bullying. Muitos são os fatores que fazem uma pessoa a praticar o bullying, e veremos que, não é apenas um caso isolado dentro das escolas, mas uma questão de saúde pública que atinge todas as classes sociais e níveis econômicos. Muitas vezes o aluno que pratica o bullying, é alvo de violência verbal ou física dentro da sua própria casa, ou quer se sentir poderoso – humilhar outros para esconder suas falhas – e obter uma boa imagem de si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying. Exposição. Humilhação.

INTRODUÇÃO

Bullying é um fato que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. O termo bullying tem origem na palavra inglesa bully, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.

"É uma das formas de violência que mais cresce no mundo", afirma Cléo Fante, educadora e autora do livro Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz (224 págs.). Segundo a especialista, o bullying pode ocorrer em qualquer contexto social, como escolas, universidades, famílias, vizinhança e locais de trabalho. O que, à primeira vista, pode parecer um simples apelido inofensivo pode afetar emocional e fisicamente o alvo da ofensa.

Crianças que passam por um processo de bullying tem uma tendência ao isolamento ou possível queda no rendimento escolar, e ainda adolescentes que passam por humilhações, difamações e processos s podem apresentar doenças psicossomáticas e sofrer de algum tipo de trauma que influencie traços da personalidade. Em alguns casos extremos, o bullying chega a afetar o estado emocional do jovem de tal maneira que ele opte por soluções trágicas, como o suicídio.

Porém o bullying não ocorre somente num ambiente escolar, ele ocorre em toda a sociedade, podemos presencial este fato em turmas de vizinho, entre os próprios familiares, colegas mais próximos, enfim está presente em toda a sociedade.

Por este motivo o bullying é algo ainda a ser percebido e descoberto, precisa ser tratado de uma maneira eficaz, e ter leis mais rígidas, porém o primordial é a educação social, é fazer com que a sociedade aprenda a não cometer um ato de bullying, aprenda a respeitar as pessoas como lãs são, todos temos qualidades e defeitos, mas somos todos iguais, perante a lei e perante a Deus.

O bullying se divide em duas categorias: a) bullying direto, que é a forma mais comum entre os agressores masculinos e b) bullying indireto, sendo essa a forma mais comum entre mulheres e crianças, tendo como característica o isolamento social da vítima. Em geral, a vítima teme o(a) agressor(a) em razão das ameaças ou mesmo a concretização da violência, física ou sexual, ou a perda dos meios de subsistência.

O bullying é um problema mundial, podendo ocorrer em praticamente qualquer contexto no qual as pessoas interajam, tais como escola, faculdade/universidade, família, mas pode ocorrer também no local de trabalho e entre vizinhos. Há uma tendência de as escolas não admitirem a ocorrência do bullying entre seus alunos; ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo. Esse tipo de agressão geralmente ocorre em áreas onde a presença ou supervisão de pes-

soas adultas é mínima ou inexistente. Estão inclusos no bullying os apelidos pejorativos criados para humilhar os colegas.

A ORIGEM DO BULLYING

O primeiro pesquisador que percebeu o fenômeno bullying foi o professor Dan Olweus e seus estudos realizados na Universidade de Bergan-Noruega (1978 a 1993) obtiveram grande repercussão. Porém, o governo norueguês atentou seu olhar para essa violência institucional apenas após o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, que provavelmente foi influenciado por atos de maus tratos dos colegas. A partir desse fato, a autoridade norueguesa, pressionada pela população, realizou em escala nacional a Campanha AntiBullying nas escolas (1993).

Voors (2000) afirma que a campanha Nacional Norueguesa Anti-Bullying reduziu índices de bullying e a evasão escolar, viabilizando a melhora no desempenho acadêmico.

Ele encontrou benefícios para todos os alunos quando o programa antibullying reduziu o comportamento agressivo na escola. Não só uma redução de bullying leva a um menor incidente de violência, mas a moral escolar foi elevada, a evasão escolar foi reduzida, e o desempenho acadêmico geral melhorou. (VOORS, 2000, p. 29, tradução nossa)

O bullying começou a ser pesquisado cerca de dez anos atrás na Europa, quando se descobriu o que estava por trás de muitas tentativas de suicídio entre adolescentes. Sem receber a atenção da escola ou dos pais, que geralmente achavam as ofensas bobas demais para terem maiores consequências, o jovem recorria a uma medida desesperada. Atualmente, todas as escolas do Reino Unido já implantaram políticas anti-bullying.

Os estudos da Abrapia demonstram que não há diferenças significativas entre as escolas avaliadas e os dados internacionais. A grande surpresa foi o fato de que aqui os estudantes identificaram a sala de aula como o local de maior incidência desse tipo de violência, enquanto, em outros países, ele ocorre principalmente fora da sala de aula, no horário de recreio.

O QUE É O BULLYING

Bullying é um termo da língua inglesa (bully = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder. Bullying é um anglicismo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia e sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. O bullying é um problema mundial, sendo que a agressão física ou moral repetitiva deixa marcas para o resto da vida na pessoa atingida.

O agressor inferioriza e se impõe sobre o outro, na tentativa de superá-lo em termos físicos e psicológicos, e de satisfazer seu ego. Quase sempre, não tem o apoio de uma boa educação, com conselhos e amparos apropriados, e é isso o que mais o encoraja a fazer o que faz. Já a vítima é alguém com medo das possíveis consequências de sua reação, e é por isso que não reage, se reprimindo a si mesma.

Conforme enfatiza Brandão (1986): "através do outro, vejo quem sou", e "crio o outro para me tornar superior sobre ele". Desse modo, vemos que, na construção verbal de um adjacente outro, se faz uso fundamental do reconhecimento e favorecimento de si próprio, tornando o outro inferior. Em 20 por cento dos casos, o praticante de bullying também é vítima. Nas escolas, a maioria dos atos de bullying ocorre fora da visão dos adultos e grande parte das vítimas não reage ou fala sobre a agressão sofrida.

Devido ao fato de ser um fenômeno que só recentemente ganhou mais atenção, o assédio escolar ainda não possui um termo específico consensual, sendo o termo em inglês bullying constantemente utilizado pela mídia de língua portuguesa.

No Brasil, o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa indica a palavra "bulir" como equivalente a "mexer com, tocar, causar incômodo ou apoquentar, produzir apreensão em, fazer caçoada, zombar e falar sobre, entre outros". Por isso, são corretos os usos

dos vocábulos derivados, também inventariados pelo dicionário, como bulimento (o ato ou efeito de bulir) e bulidor (aquele que pratica o bulimento).
Pesquisas indicam que adolescentes agressores têm personalidades autoritárias, combinadas com uma forte necessidade de controlar ou dominar. Também tem sido sugerido que uma deficiência em habilidades sociais e um ponto de vista preconceituoso sobre subordinados podem ser particulares fatores de risco. Estudos adicionais têm mostrado que enquanto inveja e ressentimento podem ser motivos para a prática do assédio escolar, ao contrário da crença popular, há pouca evidência que sugira que os bullies (ou bulidores) sofram de qualquer déficit de autoestima. Outros pesquisadores também identificaram a rapidez em se enraivecer e usar a força, em acréscimo a comportamentos agressivos, o ato de encarar as ações de outros como hostis, a preocupação com a autoimagem e o empenho em ações obsessivas ou rígidas.
É frequentemente sugerido que os comportamentos agressivos têm sua origem na infância:

"Se o comportamento agressivo não é desafiado na infância, há o risco de que ele se torne habitual. Realmente, há evidência documental que indica que a prática do assédio escolar durante a infância põe a criança em risco de comportamento criminoso e violência doméstica na idade adulta".

O assédio escolar não envolve necessariamente criminalidade ou violência. Por exemplo, o assédio escolar frequentemente funciona por meio de abuso psicológico ou verbal.
Os bullies sempre existiram, mas eram - e ainda são - chamados em português de rufias, esfola-caras, brigões, acossadores, cabriões, avassaladores, valentões e verdugos. Os "valentões" costumam ser hostis, intolerantes e usar a força para resolver seus problemas. Porém, eles também frequentemente foram vítimas de violência, maus-tratos, vulnerabilidade genética, falência escolar e experiências traumáticas. Comportamentos autodestrutivos como consumo de álcool e drogas e correr riscos desnecessários são vistos com mais frequência entre os autores de bullying.
Quanto mais sofrerem com violência e abusos, mais provável é eles repetirem esses comportamentos em sua vida diária e negligenciarem seu próprio bem-estar.
As formas de bullying são:
Verbal é o tipo de bullying mais comum, usado tanto por meninos quanto por meninas. São os apelidos, as gozações, a difamação, a crítica cruel, telefonemas abusivos, e-mails que intimidam, ameaças, fofocas, 'brincadeiras' sobre raça, religião e orientação sexual. É mais fácil de fazer, porque pode ser só sussurrado, de forma que os adultos não escutem. Pode vir através de bilhetinhos passados na turma escondido do professor. Existe um limite muito tênue entre as brincadeiras normais e o bullying verbal.
Social apresenta como comportamentos típicos a invenção de mentiras, boatos/rumores, comentários negativos e exclusão da vítima em trabalhos de grupo/atividades.
Física e material - implica a existência de atos agressivos como empurrar, amarrar ou prender a vítima, bem como dar pontapés, cuspir, roubar dinheiro ou estragar objetos pessoais.
Psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar)
Sexual consiste em insultar ou fazer comentários de índole sexual. Obrigar a vítima a praticar atos sexuais, também constitui esta tipologia de bullying.
Virtual ou Cyberbullying consiste numa tipologia de bullying mais recente, impulsionado pelo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Esta forma de bullying caracteriza-se pela divulgação de informação falsa, assédio, perseguição, tudo isto através de SMS, e-mail, redes sociais, ou outros veículos de comunicação semelhantes.
Homofóbico envolve o preconceito relacionado com a orientação sexual da vítima e com a identidade de género. Esta forma de bullying pode assumir qualquer outra tipologia supramencionada.
Relacional inclui atos que magoam os outros ao prejudicar relacionamentos ou sentimentos de aceitação, amizade ou inclusão

no grupo. O comportamento neste tipo de bullying é o de ignorar alguém para puni-lo ou fazer valer a própria vontade, excluir alguém socialmente por vingança, usar linguagem corporal ou expressões faciais negativas, sabotar os relacionamentos de alguém ou ameaçar terminar uma amizade se a amiga não concordar com um pedido.

Estudos revelam um pequeno predomínio dos meninos sobre as meninas. No entanto, por serem mais agressivos e utilizarem a força física, as atitudes dos meninos são mais visíveis.

Já as meninas costumam praticar bullying mais na base de intrigas, fofocas e isolamento das colegas. Podem, com isso, passar despercebidas, tanto na escola quanto no ambiente doméstico.

Uma das formas mais agressivas de bullying, que ganha cada vez mais espaços sem fronteiras é o cyberbullying ou bullying virtual. Os ataques ocorrem por meio de ferramentas tecnológicas como celulares, filmadoras, máquinas fotográficas, internet e seus recursos (emails, sites de relacionamentos, vídeos). Além de a propagação das difamações ser praticamente instantânea o efeito multiplicador do sofrimento das vítimas é imensurável. O cyberbullying extrapola, em muito, os muros das escolas e expõe a vítima ao escárnio público. Os praticantes desse modo de perversidade também se valem do anonimato e, sem nenhum constrangimento, atingem a vítima da forma mais vil possível. Traumas e consequências advindos do bullying virtual são dramáticos.

Os bullies (agressores) escolhem os alunos que estão em franca desigualdade de poder, seja por situação socioeconômica, situação de idade, de porte físico ou até porque numericamente estão desfavoráveis. Além disso, as vítimas, de forma geral, já apresentam algo que destoa do grupo (são tímidas, introspectivas, nerds, muito magras; são de credo, raça ou orientação sexual diferente etc.). Este fato por si só já as torna pessoas com baixa autoestima e, portanto, são mais vulneráveis aos ofensores. Não há justificativas plausíveis para a escolha, mas certamente os alvos são aqueles que não conseguem fazer frente às agressões sofridas.

É muito importante que os responsáveis pelos processos educacionais identifiquem com qual tipo de agressor estão lidando, uma vez que existem motivações diferenciadas:

Muitos se comportam assim por uma nítida falta de limites em seus processos educacionais no contexto familiar.

Outros carecem de um modelo de educação que seja capaz de associar a autor realização com atitudes socialmente produtivas e solidárias. Tais agressores procuram nas ações egoístas e maldosas um meio de adquirir poder e status, e reproduzem os modelos domésticos na sociedade.

Existem ainda aqueles que vivenciam dificuldades momentâneas, como a separação traumática dos pais, ausência de recursos financeiros, doenças na família etc. A violência praticada por esses jovens é um fato novo em seu modo de agir e, portanto, circunstancial.

E, por fim, nos deparamos com a minoria dos opressores, porém a mais perversa. Trata-se de crianças ou adolescentes que apresentam a transgressão como base estrutural de suas personalidades. Falta-lhes o sentimento essencial para o exercício do altruísmo: a empatia.

As consequências são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de vivências, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, todas as vítimas, sem exceção, sofrem com os ataques de bullying (em maior ou menor proporção). Muitas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema. Os problemas mais comuns são: desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos; problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros. O bullying também pode agravar problemas preexistentes, devido ao tempo prolongado de estresse a que a vítima é submetida. Em casos mais graves, podem-se observar quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio.

Frequentemente as vítimas de bullying podem apresentar um ou vários sinais:

São depreciados, ridicularizados, intimidados, ameaçados, submetidos a ordens, dominados, submissos, sendo motivo de diversão ou de riso por parte dos outros;
São envolvidos em lutas em que são completamente indefesos e dos quais se tentam afastar (muitas vezes a chorar);
Têm os livros, o material escolar, o dinheiro ou pertences danificados ou espalhados pelo chão;
Têm pisaduras, golpes, arranhões ou rasgões na roupa e sobre os quais não conseguem dar uma explicação natural;
Estão ou sentem-se sozinhos e excluídos do grupo de pares durante os intervalos ou na hora de almoço. Não têm um bom amigo na turma;
So escolhidos por último nos jogos de equipa;
Tentam ficar perto de um professor ou outro adulto durante os intervalos;
Não levam colegas ou outros amigos a casa depois da escola e raramente passam o tempo em casa dos colegas;
Não têm um amigo com o qual partilhem o tempo livre (jogar, passear, participar em eventos desportivos.);
Raramente ou nunca são convidados para festas e não se mostram interessados em dar festas;
Mostram medo ou relutância em ir à escola, têm pouco apetite, repetidas dores de cabeça ou dores de estômago;
Escolhem um caminho fora do trajeto habitual para irem para a escola;
Estão visivelmente aflitos, tristes, deprimidos e infelizes;
Têm um sono agitado, com pesadelos, chegando mesmo a chorar durante o sono;
Perdem o interesse pelas tarefas escolares e chegam a ter resultados negativos.

ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO BULLYING

A escola deve desempenhar um papel muito importante no combate ao bullying, pois ele é ocorre de diversas formas como o cyberbullying via internet, e varia de acordo com os sexos. A escola neste momento, não só como órgão educacional, mas como extensão da família das vítimas de bullying, deve elaborar programas de reabilitação e combate às práticas de violência escolar; orientar professores e comunidade escolar para prevenir determinadas práticas, e saber lidar com as vítimas do bullying.
Iremos perceber que a prevenção do bullying entre estudantes constitui-se em uma necessária medida de saúde pública, capaz de possibilitar o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes, habilitando-os a uma convivência social sadia e segura.
O bullying não pode ser encarado como uma brincadeira ou provocação natural entre crianças e adolescentes e merece atenção para ser prevenido e combatido. Conheça agora esse fenômeno social, suas causas, consequências e quais são as medidas necessárias para diminuir a incidência desse tipo de comportamento.
A conscientização e a criação de um ambiente positivo na escola são as melhores maneiras de prevenir problemas. Porém, quando casos desse problema já estão acontecendo, a rápida ação da escola, a adoção de medidas de punição adequadas e o diálogo com as famílias de vítimas e agressores são recursos fundamentais para resolver o problema.
Programas e ações pontuais podem ser criados para conscientizar sobre o bullying.
Veja alguns exemplos do que você pode fazer:
Palestras com professores e orientadores conscientizando sobre o bullying;
Peça teatral para conscientizar os alunos;
Utilização de jogos e atividades lúdicas que estimulem a cooperação;
Distribuição de mensagens de conscientização sobre o problema;
Fixação de cartazes alertando estimulando a denúncia de qualquer agressão;
Envio de comunicados às famílias conscientizando e alertando os pais a respeito de casos de violência que tenham ocorrido.
Para ensinar valores e orientar os alunos, é preciso muito mais do que uma aula, é necessário planejar e colocar em prática ações que envolvam professores, pais e, principalmente, os próprios alunos.
Sendo assim, promover e estimular a comunicação entre os estudantes e educadores em sala de aula, e desenvolver atividades que despertem nos jovens o sentimento de importar-se com outro, por meio do desenvolvendo de relações afetivas, baseadas na

escuta, apoio mútuo, vínculo interpessoal positivo e na cooperação, são boas maneiras para promover a integração de todos.
É importante também ressaltar aos jovens, que todos nós somos diferentes e, para convivermos bem em um grupo, é preciso conhecer e respeitar a alteridade do próximo.
Ao levar o aluno a essa reflexão e o estimulando cada vez mais a manter uma relação de respeito com os colegas, seja na escola ou não, os ataques de Bullying certamente serão reduzidos ou até eliminados.
Outra boa maneira de prevenir ou combater o Bullying é trazer a questão para as pequenas ações do dia a dia vivenciadas na escola, como, por exemplo, acolher um aluno que acabou de ingressar no colégio. Esta simples ação incentiva a solidariedade, a tolerância e a generosidade dos estudantes.
4.1 Tratamentos possíveis para pessoas que sofrem bullying
O bullying é uma violência, o que ocasiona certos traumas que devem ser tratados, pois estes traumas prejudicam a autoestima e confiança das vítimas.
Para se tratar de uma violência psicológica seu acompanhamento tem princípios psicológicos o que era um acompanhamento por um psicólogo, já que vítima apresentará várias mudanças de comportamento, depressão, fobia social entre outros, que levará a vítima a ter sintomas de vergonha, medo, raiva podendo até leva-la a atentar contra a sua própria vida.
No acompanhamento psicológico para vítimas de Bullying teremos:
Reconstrução da Autoestima pode ajudar no fortalecimento psicoafetivo e, portanto, na construção de uma autoconfiança, fundamental para minimizar comportamentos exacerbados sensação de isolamento, abandono.
Diminuição de Comportamentos e Sentimentos Depreciativos
Auto validação
Treinamento de Habilidades Sociais
Diminuição da Ansiedade e Estresse - Técnicas de Enfrentamento e Relaxamento
Desenvolvimento de Repertório Social.
Apenas com a ajuda da terapia é que a criança consegue vencer o bullying, tendo de participar em exames psicológicos, sessões de análise e também de psicologia dos familiares e amigos para poder lutar contra o problema de perto.
Este comportamento violento dos estudantes não deve ser punido com mais violência, a patologia social precisa de ser reconhecida para que haja o tratamento.
A ajuda escolar e necessária para a criança ou adolescente recuperar, é por isso que os professores e os funcionários devem ter o agressor de baixo de olho e ver os seus progressos no convívio com os colegas ao longo do tratamento.
Ha já muitas crianças e adolescentes que graças ao tratamento do bullying conseguiram recuperar. A prevenção de futuros incidentes pode ser obtida com orientações sobre medidas de proteção a serem adotadas: ignorar os apelidos, fazer amizade com colegas não agressivos, evitar locais de maior risco e informar ao professor ou funcionário sobre o bullying sofrido.

CONCLUSÃO
O bullying é um termo ainda pouco conhecido do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto por meninas. Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em última instância, significa dizer que, de forma "natural", os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas.
A educação do jovem no século 21 tem se tornado algo muito difícil, devido à ausência de modelos e de referenciais educacionais. Os pais de ontem mostram-se perdidos na educação das crianças de hoje. Estão cada vez mais ocupados com o trabalho e pouco tempo dispõem para dedicarem-se à educação dos filhos. Esta, por sua vez, é delegada a outros, ou em caso de famílias de menor poder aquisitivo, os filhos são entregues à própria sorte.

Os pais não conseguem educar seus filhos emocionalmente e, tampouco, sentem-se habilitados a resolver conflitos por meio do diálogo e da negociação de regras. Optam muitas vezes pela arbitrariedade do não ou pela permissividade do sim, não oferecendo nenhum referencial de convivência pautado no diálogo, na compreensão, na tolerância, no limite e no afeto.

A escola também tem se mostrado inabilitada a trabalhar com a afetividade. Os alunos mostram-se agressivos, reproduzindo muitas vezes a educação doméstica, seja por meio dos maus-tratos, do conformismo, da exclusão ou da falta de limites revelados em suas relações interpessoais.

Os professores não conseguem detectar os problemas e, muitas vezes, também demonstram desgaste emocional com o resultado das várias situações próprias do seu dia sobrecarregado de trabalhos e dos conflitos em seu ambiente profissional. Muitas vezes, devido a isso, alguns professores contribuem com o agravamento do quadro, rotulando com apelidos pejorativos ou reagindo de forma agressiva ao comportamento indisciplinado de alguns alunos.

Está claro e é uníssono entre os pesquisadores da área que atos de bullying podem ter causas relacionadas a ambientes familiares agressivos. Justamente por isso, gestores e professores precisam construir na escola um ambiente sócio moral baseado no respeito e em um relacionamento sadio. "É necessário que a escola pare de culpar as famílias por todos os problemas que enfrenta e busque uma revisão interna sobre a organização do ambiente escolar".

A própria inclusão das famílias pode ser uma estratégia de combate ao bullying, mas não a única. Toda a escola - incluindo gestores, coordenadores, professores, funcionários, alunos e pais - precisa participar ativamente de processos de manutenção das relações interpessoais na escola. "Um aluno que não tem uma família considerada estruturada ou pais ausentes é justamente aquele que mais precisa de uma escola justa e respeitosa para seu desenvolvimento", alerta Ramos.

O primeiro passo para se combater o bullying é identificá-lo e aceitá-lo. Cabe aos professores e gestores estudar e debater o tema, planejar intervenções diretas com os alunos, levar a discussão às famílias e trabalhar com os espectadores. "Só existe bullying porque existe plateia. E é nesse público que os educadores devem focar ações mais específicas".

REFERÊNCIAS

Artigo. Bullying na escola: O que é e como combater. Disponível em: https://blog.wpensar.com.br/pedagogico/bullying-na-escola/. Acesso em 20 de agosto de 2025.

Artigo: Arlete Gvranic, Reconstrução da autoestima ajuda a superar crises de ciúmes. Viaestelar. SP. 01/10/2016. Disponível em: https://www.vyaestelar.com.br/post/950/reconstrucao-da-autoestima-ajuda-a-superar-crisesde-ciume. Acesso em setembro de 2025.

Artigo Colégio Marupiara. Como Integrar melhor os alunos e acabar com o bullying. Disponível em: http://www.marupiara.com.br/como-integrar-melhor-os-alunos-e-acabar-como-bullying/. Acesso em setembro de 2025.

Artigo. Saiba tudo sobre o universo do bullying, prática muito frequente em escolas que já é um problema crônico no país. Disponível em: https://escoladainteligencia.com.br/o-quee-bullying/. Acesso em setembro de 2025.

Artigo. Bullying: seus impactos não são “brincadeiras”. Tutores Brasil, 04/05/2017. Disponível em: https://tutores.com.br/blog/bullying-seus-impactos-nao-sao-brincadeira/. Acesso em setembro de 2025.

ARENDT, Hanna. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. A violência. In: Crises da república. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 1999, p.91-156.

ALBINO, Priscilla Linhares e TERÊNCIO, Marlos Gonçalves. Considerações críticas sobre o fenômeno do bullying: do conceito ao combate e à prevenção. Atuação – Revista

Jurídica do Ministério Público Catarinense, n. 15, jul./dez. 2009, p.169- 195.

CAMPOS, Herculano Ricardo e JORGE, Samia Dayana Cardoso. Violência na escola: uma reflexão sobre o bullyinge a prática educativa. Em Aberto, Brasília, v. 23, n. 83, p. 107128, mar. 2010

CANNETTI, Elias. Massa e poder. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CASTORIADIS, Cornelius. Encruzilhadas do Labirinto II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Encruzilhadas do Labirinto III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. Encruzilhadas do Labirinto VI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

CONSTANTINI, Alessandro. Bullying, como combatê-lo? prevenir e enfrentar a violência entre jovens. SP: Itália Nova editora, 2004.

CURY, A. J. Pais brilhantes, professores fascinantes. RJ: Sextante, 2003

FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. rev. Campinas, SP: Verus editora, 2005.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: Zahar, 1980.

GROSSI, Patrícia Krieger; SANTOS, Andréia Mendes dos. Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brazil. Revista Portuguesa de Educação, Vol. 22, Núm. 2, 2009, pp. 249-267

OLIBONI, Samara Pereira. O bullying como violência velada: a percepção e ação dos professores. Mestrado em Educação ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, 2008.

TIBA, Içami. Quem ama, educa! SP: Gente, 2002.

VOORS, Willian. The parent's book about bullying:Changing the course of your child life: for parents on either side of the bullying fence. Minnesota: Hazelden, 2010.